

INFORMAÇÕES

(Continuação da pág. 3)

Catequese – Festa da 1.ª Comunhão:

No próximo domingo, dia 4, às 9,30 h., na Eucaristia Dominical, realiza-se a Festa da Eucaristia para as crianças que frequentaram este ano o 3.º volume da Catequese Paroquial.

Para preparação da Festa haverá no sábado, dia 3, às 14 h., no Seminário Diocesano, a “Festa do Perdão”, uma Celebração Penitencial seguida de Confissões, para todas as crianças que vão receber a 1.ª Comunhão e suas famílias.

Contas do Ofertório mensal para a nova igreja: No Ofertório mensal para a nova igreja e centro paroquial, realizado no passado domingo, foram entregues, em 8 envelopes e notas e moedas soltas, um total de 457,15 €. Se não contribuiu ainda o pode fazer, entregando ao pároco a sua partilha. No próximo número deste boletim serão publicados todos os donativos.

Peregrinação Diocesana à Sr.ª do Minho: Realiza-se no próximo domingo, dia

4, a Peregrinação Diocesana em honra N. Sr.ª da Conceição do Minho, com o seguinte programa: 14,30 h. – Saída da Imagem da Sr.ª do Minho, da Igreja Matriz de Cerveira, em Cortejo automóvel, em direcção à Serra d’Arga; 16 h. – Chegada da Imagem Peregrina ao Santuário da Sr.ª do Minho, no alto da Serra d’Arga, seguindo-se a Concelebração Eucarística presidida pelo Administrador Apostólico da Diocese, o Sr. Bispo D. José Augusto Pedreira. Participe!

Donativos para a nova Igreja e Centro Paroquial: Foram entregues esta semana os seguintes donativos para a construção da nova Igreja e Centro Paroquial: Águeda de Jesus Martins Ramos – 60 € (mensal); Daniel Pereira Ribeiro – 60 € (semestral); Anónima – 10 €; Inocência Gonçalves de Barros – 10 € (mensal); José Augusto Almeida Faria – 60 € (mensal); Maio e Junho); Anónima – 110 € (mensal); Anónima – 10 € (mensal); Anónima – 5.000 €; Maria Madalena Alves Cadilha – 20 € (mensal). Bem hajam!

MISSAS			Intenções
Dia	Hora		
28	Seg	18,30	Etelvina da Cunha Costa, José Martins Barbosa, Maria Martins Barbosa e Manuel Gonçalves da Balinha; Adélia Ernestina Meira Viegas; Félix Guimarães Barbosa; Venceslau Óscar de Abreu Cardoso; Maria da Conceição Fernandes Alves; Manuel Augusto Governa (aniv.)
29	Ter	18,30	Ana Gonçalves de Barros e Joaquim Rodrigues; Almerinda Ribeiro Pereira e João Gonçalves Fernandes
30	Qua	18,30	Eduardo Augusto; Pais, sogros e todos os familiares falecidos de Maria de Fátima Imperadeiro
1	Qui	18,30	Aristides Passos; Luís Silva da Rocha, Maria José da Silva, José Rodrigues da Costa e Maria José Alves de Sousa; Madame Aubert
2	Sex	18,30	José Augusto Pereira Chiado; Maria das Dores Pereira Carriço; José de Fátima Ferreira Chiado; Abílio Pereira Carriço; Maria Machado e António Maria Rodrigues; José Machado Rodrigues; Rosa de Araújo Fernandes; José Camilo da Costa Ramos; Francisco Rodrigues Gomes e José de Araújo Gomes; Arlindo Martins de Sousa Miranda
3	Sáb	18,30	Armando Gonçalves Martins; Manuel Narciso de Sousa Ramos; Deolinda de Jesus Alves Novo
4	Dom	9,30	Artur Azevedo Alves; José Guimarães; Angelina Mesquita; Armando Martins Arezes e Maria Miquelina; Maria Rosa Monteiro

PARÓQUIA VIVA

N.º 494 – 27/06/2010

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 30 200 99 91 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 30 200 65 54

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



13.º Domingo Comum – Ano C



«As raposas têm as suas tocas e as aves do céu os seus ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça. ... Segue-Me ... Quem tiver lançado as mãos ao arado e olhar para trás não serve para o reino de Deus.» (Evangelho)

A Primeira República e Fátima

Por: António Teixeira Fernandes

(Continuação)

O recrudescimento das medidas persecutórias dos católicos e nomeadamente impeditivas da peregrinação à Cova da Iria davam entretanto origem a algumas expressões de medo. Não obstante a afluência maciça – ou talvez por causa disso –, os poderes constituídos procuram opor-lhe um dique que cortasse o acesso, colocando um aparato policial à volta de Fátima. Certo temor se terá infiltrado nos espíritos de alguns, paralisando os seus movimentos (...).

A repressão exercida sobre os católicos parece atingir, por ocasião do 13 de Outubro desse ano de 1924, um dos seus pontos mais intensos e violentos.

Se para os republicanos se tratava de impedir a perturbação da ordem pública, cujo receio desejavam afastar, para os católicos em causa estava, segundo as Novidades (13-10-1924), a defesa de uma Igreja livre do ódio e da sombra blasfema dos seus inimigos. Mas enquanto a repressão era anunciada, agia-se depois discretamente (...).

Assiste-se, nessa altura, a uma autêntica arrancada não contra o regime, mas contra as suas arbitrariedades. O movimento desenvolve-se a partir do Centro Católico. Terá chegado a hora de não se consentir mais a brutalidade do poder, tida como “mais uma afronta à consciência do país” (...).

As manifestações de protesto eram de molde a conduzir à proposta de uma de duas possíveis hipóteses de resolução do conflito, a contestação directa do regime político vigente ou o recurso à desobediência civil. A primeira via de saída foi adoptada pelo jornal O Dia (13-10-1924). Contesta, todavia, a posição seguida por este jornal a generalidade da imprensa católica, aconselhando antes a desobediência civil, no estrito campo da luta pela substituição da legislação (...).

(Continua na pág. 3)

13.º Domingo do Tempo Comum – Ano C

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª leitura: 1 Reis 19, 16b.19-21

2.ª leitura: Gál. 5, 1.13-18

Evangelho: Lc. 9, 51-62

- A liberdade na caridade -

Indubitavelmente, nos nossos dias, a liberdade é um valor em alta, e todos a reclamam como um direito inalienável, consagrado aliás na Declaração Universal dos Direitos do Homem. Só que, muitas vezes, ela não é encarada no seu verdadeiro sentido, aparecendo, por isso, desfigurada e, até, negada em muitas das suas concretizações quotidianas.

A Palavra do Senhor deste domingo convida-nos a reflectir sobre a “verdadeira liberdade”, à qual, no dizer de S. Paulo, “somos chamados”.

“Fazer o que bem me apetece” é a definição mais corrente de liberdade, definição acompanhada, por vezes, por um vago limite – “desde que não prejudique ninguém”.

Ora, os textos de hoje, apresentam a liberdade como um chamamento (“fostes chamados à liberdade”), como desafio e dom (“foi para a verdadeira liberdade que Cristo vos libertou”), a bem cuidar, para não o perdermos (“não torneis a sujeitar-vos ao jugo da servidão”).

E a pior das servidões não é o cativo ou a cadeia, mas a sujeição aos caprichos das nossas inclinações e apetites – “não fazeis o que quereis”, isto é, não fazeis o que vos apetece, afirma S. Paulo.

Curiosamente, esta Palavra do Senhor aproxima a liberdade da caridade e da vocação, o que significa que a liberdade verdadeira é a capacidade que temos para dispor de todo o nosso ser para nos colocarmos ao serviço dos outros, correspondendo assim ao chamamento que o Senhor a cada um de nós dirige.

De facto, não sendo nós autores de nós próprios, nem filhos do acaso, mas fruto de um projecto amoroso de Deus, a verdadeira liberdade consiste em descobrir e abraçar com determinação, amor e alegria o desígnio que Deus preparou para cada um de nós. A Eliseu, o profeta Elias diz: “já fiz o que devia fazer”; agora a resposta que tens a dar está nas tuas mãos.

E no texto evangélico, são diferenciadas as iniciativas próprias para seguir Jesus do chamamento que o Mestre faz a alguém para O seguir. Só aqui há verdadeira vocação, pois a cada um de nós apenas compete corresponder ao apelo do Senhor.

Só nas asas da verdadeira liberdade é que nós podemos voar para as alturas da vocação e do serviço aos outros. Tudo o resto, por mais saboroso, brilhante e atraente que seja, não passa de pura sujeição aos mais abjectos apetites da carne. Mesmo que arvorados e apregoados como a máxima realização e felicidade, não passam de mero rastejar, incapaz de nos elevar à beleza das alturas da verdadeira liberdade, para a qual Cristo nos libertou e nos chama.

Pe. José de Castro Oliveira

«Sereis minhas testemunhas... até aos confins da terra»

Por: Rui Corrêa d' Oliveira

«Sereis minhas testemunhas... até aos confins da terra»

Foram estas as últimas palavras de Jesus antes da sua Ascensão ao Céu.

Foi este o mandato que deixou aos Apóstolos.

Dois mil anos depois, o Sucessor de Pedro, o primeiro dos Apóstolos,

veio aos confins da Europa confirmar a nossa Fé na Ressurreição de Cristo, cumprindo aquele mesmo mandato.

Fixando o nosso olhar na Ascensão do Senhor ao Céu,

renasce em nós a certeza de que «a nossa frágil natureza humana»

ganhou com Cristo «uma morada permanente» junto do mesmo Pai, na plenitude do Seu Amor.

«Continuemos a caminhar na esperança»

foram as últimas palavras do Papa Bento XVI ao deixar Portugal de regresso a Roma.

Se o nosso destino é o Céu, a nossa missão é no mundo

onde, caminhando na esperança,

somos chamados a dar testemunho da Ressurreição de Cristo.

É duro, por vezes, este caminho.

Por isso Cristo não quis que o percorrêssemos na solidão,

mas na experiência de unidade e comunhão de um Povo.

E a este Povo que é a Sua Igreja, Deus concedeu um Pastor,

escolhido pelo Espírito Santo de entre aqueles que se enxertam na sucessão apostólica,

para a conduzir na verdade e a confirmar na Fé.

O Papa que veio até nós como Pastor, regressou a Roma, deixando-nos revigorados na esperança.

Como os Discípulos depois do Senhor subir ao Céu,

também nós voltaremos à cidade «com grande alegria»,

«bendizando a Deus» que nos concedeu tão grande graça.

A Primeira República e Fátima

Por: António Teixeira Fernandes

(Continuação da 1.ª pág.)

A Igreja mostrava-se, nessa altura, disposta a submeter-se à lei comum, liberta de leis opressoras, fossem elas de separação, fossem elas concordatárias, nomeadamente quando celebradas em liberdade diminuída ou interpretadas arbitrariamente pelo Estado. O grande desígnio a alcançar seria o da liberdade da Igreja, desígnio que a mesma Igreja não alvejara tanto como quando se sentia aprisionada (...).

O Estado desenvolvia uma política anti-religiosa, permeada de agressividade e de violência (...). Três presidentes do Governo mostraram-se particularmente activos na repressão dos eventos de Fátima, com intervenções directas: António Maria Baptista, António Maria da Silva, que durante algum tempo sobraçou igualmente a pasta do Interior, e Alfredo Rodrigues Gaspar (...).

Portugal conheceu, de facto, nos inícios do século XX, um dos combates mais acesos travados na Europa contra o Catolicismo.

Excertos de uma conferência proferida em Coimbra por António Teixeira Fernandes

INFORMAÇÕES

Ofertório para a “Cadeira de S. Pedro”: Lembramos que o Ofertório das Missas deste domingo, dia 27, conhecido como o “Ofertório para a Cadeira de S. Pedro”, reverte a favor da Santa Sé.

Visita mensal aos doentes: O pároco fará a habitual visita aos doentes na próxima 4.ª feira, dia 30, na parte da tarde. Pede ainda que lhe indiquem as pessoas que estão doentes e que aceitam a sua visita.

(Continua na pág. 4)